



Recebido em: 16/07/2016

Aceito em: 27/09/2016

**Arco Metropolitano do Rio de Janeiro
Uma Experiência de Sucesso em Arqueologia de Contrato**

**Metropolitan Arch of Rio de Janeiro
A Successful Experience in Contract Archeology**

Jandira Neto

IAB

<http://lattes.cnpq.br/8871815807091344>

Resumo: O presente artigo visa relatar de forma breve como se deu o processo de escavação do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), sendo as etapas de escavação marcadas por um extenso trabalho de educação patrimonial. Este será a segunda etapa de nosso artigo, em que revelaremos como a Arqueologia pode propiciar um espaço de ensino, diversidade e conscientização de noções como preservação e patrimônio.

Palavras-chave: Arqueologia – Educação Patrimonial - Diversidade

Abstract: The present article aims to report briefly how the excavation process of the Metropolitan Arch of Rio de Janeiro by the Brazilian Archeology Institute (IAB) occurred, with the excavation stages marked by an extensive work of heritage education. This will be the second stage of our article, in which we will reveal how Archeology can provide a space for teaching, diversity and awareness of notions such as preservation and heritage.

Keywords: Archeology - Patrimonial Education - Diversity

Em 2009 o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) foi convidado pela Secretaria de Obras do Estado do Rio de Janeiro (SEOBRAS) a desenvolver o Programa de Arqueologia BR 493/RJ 109 - ARCO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO.

O escopo do Projeto, previsto no Termo de Referência (TR) apresentado, previa o Planejamento, a Execução, o Controle e o Encerramento das seguintes atividades em arqueologia: O monitoramento arqueológico das obras da Rodovia e o salvamento ou resgate arqueológico dos 12 Sítios encontrados anteriormente pelas prospecções arqueológicas.

Em Educação Patrimonial antevia o desenvolvimento e aplicação de atividades socioeducativas para três grupos de pessoas: os pesquisadores, as empreiteiras envolvidas nas obras e as cidades impactadas pelo empreendimento. Por exigência do Iphan – RJ foi acrescido um projeto específico de Estudos para Mapeamento do Patrimônio Imaterial das cidades afetadas.

O Programa de Arqueologia previa a pesquisa para 72 quilômetros de extensão por 100 metros de largura em Área Diretamente Afetada (ADA) e a mesma extensão para uma variável de 500 metros a cinco quilômetros de largura para a Área Indiretamente Afetada (AIA). O eixo da estrada atravessava os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Japeri, Seropédica e Itaguaí na Baixada Fluminense, assim como as bacias fluviais dos rios Iguaçu e Guandu.

O Programa foi então elaborado de acordo com a metodologia de base adotada pelo IAB ao longo de seus 55 anos de atividades ininterruptas no que tange ao Planejamento (Projetos, aprovações no IPHAN, obtenção de Portaria de Autorização etc.); Coleta de Dados (pesquisa de campo); Análise de Dados (laboratório); Interpretação de Dados (produção de relatórios e publicações diversas) e Divulgação (Educação Patrimonial, mapeamento para Estudos de Patrimônio Imaterial, produção de cartilhas, boletins, etc.) em todas as fases e etapas da Pesquisa.

Havia na proposta um grande estímulo. Sabíamos que a Região da Baixada Fluminense fora sempre um território densamente ocupado (cerca de seis mil anos atrás) desde a Pré-História, e que suas terras fizeram parte das primeiras sesmarias do Rio de Janeiro no período colonial com grande aporte de pessoas nos engenhos e fazendas que por ali se instalaram. Apesar disso, somente sete sítios arqueológicos haviam sido registrados no IPHAN, até então. Também nos estimulava a possibilidade de, pela primeira vez, termos na região da Baixada um projeto de arqueologia com recursos financeiros aportados para a realização de pesquisas na área.

Maior do que os estímulos só mesmo os desafios: Estávamos “pegando” um projeto já em andamento; a Licença Prévia e a Licença de Instalação já haviam sido feitas por outras duas instituições, mas os resultados apresentavam baixos índices de localização de sítios para uma região com tamanho potencial.

Apenas 12 sítios haviam sido identificados e mesmo assim dois estavam fora da ADA. Para o IPHAN tinha que haver alguma explicação. Nós também queríamos entender o que havia acontecido e aproveitar ao máximo aqueles recursos para fazer um bom trabalho.

Após leitura de documentos, de relatórios e reuniões com todos os envolvidos no empreendimento (Iphan, empreendedor, empreiteiras) conseguimos, entre setembro de 2009 e Janeiro de 2010, orquestrar um Plano de Trabalho que atendia ao interesse de todos.

Inicialmente refizemos todas as pesquisas bibliográficas e as prospecções de campo para os sítios já cadastrados objetivando sua real localização antes do início das obras. Como consequência imediata localizou-se mais nove sítios em torno daqueles, ampliando para 21 o total inicial. Todos foram georreferenciados e cercados até receberem a autorização de resgate.

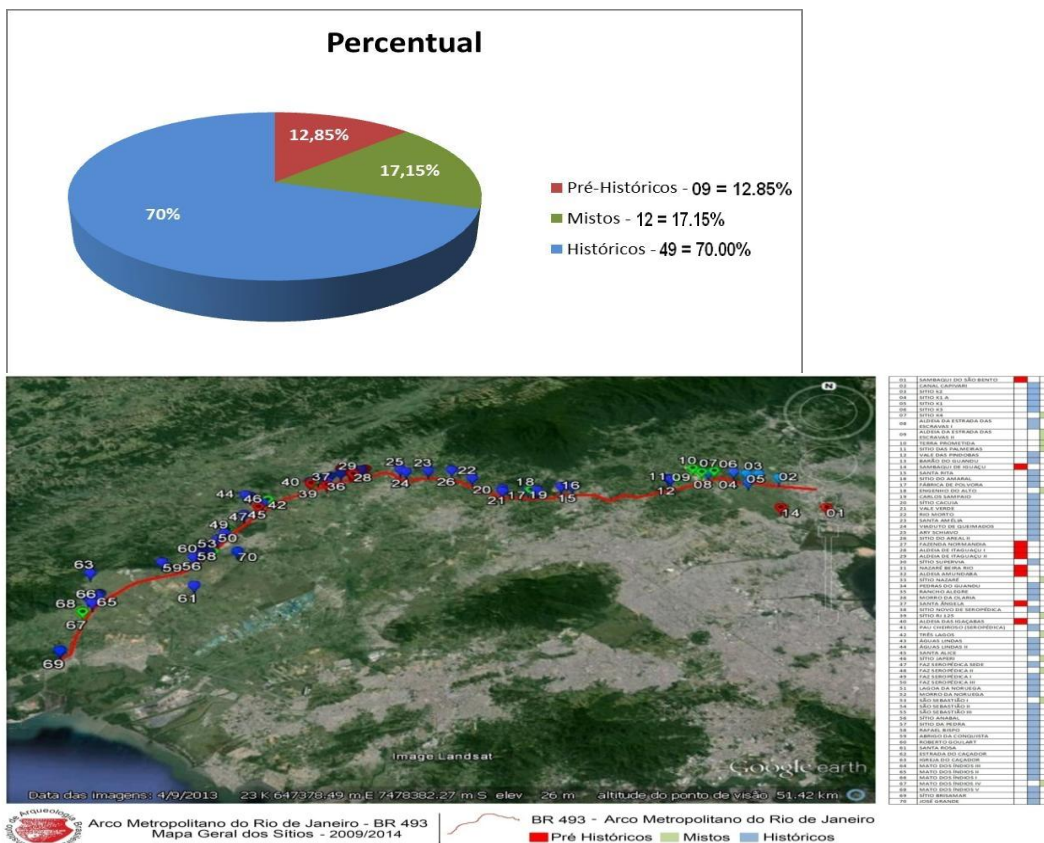
Estabelecemos acordos com as quatro empreiteiras em torno de seus cronogramas de obras e trabalhamos simultaneamente com até oito equipes de arqueologia em funções diferenciadas: Prospecção avançada, Monitoramento e Resgate/Salvamento.

1. A empreiteira nos enviava o seu cronograma mensal de abordagem de solo. Sobre ele fazíamos o que chamamos de Prospecções Avançadas (íamos à frente) com antecedência. Isto nos rendeu a localização de mais de 40 sítios antes da “chegada” das máquinas. Duas equipes realizaram esta atividade nos quatro lotes durante os quatro anos em que durou o projeto;
2. A empreiteira nos enviava o seu cronograma semanal de abordagem de solo (supressão vegetal, destocamento, drenagem, terraplenagem, desmonte de sítios após resgate, etc...). Cada lote tinha uma equipe fixa de Monitoramento acompanhando todas as atividades da semana. Alguns sítios foram localizados durante o acompanhamento dessas atividades;
3. Todos os sítios localizados, georreferenciados e registrados no Iphan tiveram seus destinos decididos com calma: Resgatados (se estavam na ADA ou AID), Salvos (caracterizados e preservados) se estavam em áreas próximas, mas sem risco de destruição iminente, e oito deles foram apenas registrados, por estarem localizados fora das áreas de impacto. Duas equipes se revezaram nos quatro lotes para realizarem essas tarefas.

4. Educação Patrimonial – Atividades de levantamento local e devolução dos aspectos culturais resultantes das pesquisas de campo e históricas pelo método do Psicodrama Pedagógico;
5. Estudos de Patrimônio Imaterial - Levantamento das manifestações culturais tradicionais de cada município abordado. Aspectos lúdicos, sociais e rituais.

Resultados Arqueológicos: 78 Sítios Arqueológicos foram registrados pelas três equipes da pesquisa no IPHAN, mas nem todos foram pesquisados. Destes, 64 foram estudados, oito foram preservados e quatro, dos que foram registrados em fases anteriores, não foram localizados por falta de dados ou inexatidão dos mesmos.

Tipologia dos sítios Arqueológicos – os sítios foram estudados segundo sua tipologia em Sítios Pré-Históricos: 9 (nove) = 12.85%; Sítios Mistos: 12 (doze) = 17.15% e Sítios Históricos: 49 (quarenta e nove) = 70%



Sítios pesquisados pelo IAB no Programa Arco Metropolitano do Rio de Janeiro

Sítios Pré-Históricos



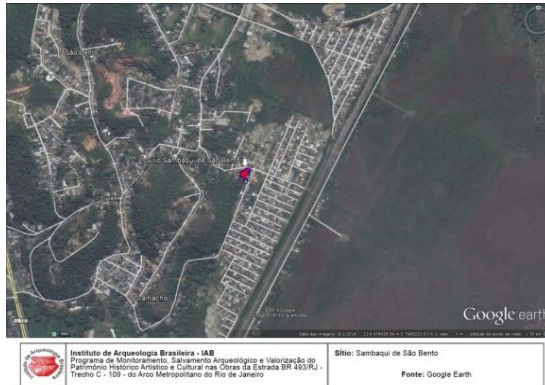
Sítios Pré-Históricos pesquisados

Os sítios Pré-históricos pesquisados durante o Programa do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro foram em número de nove, incluindo dois sambaquis (os mais antigos do grupo) e os demais foram sítios ceramistas vinculados à Tradição Tupiguarani. Enquanto os dois primeiros se localizam próximos a Baía de Guanabara, os demais estão aglomerados nas proximidades do Rio Guandu.

Foram selecionados para este texto dois sítios. Um sambaqui, localizado em São Bento, Município de Duque de Caxias e um sítio Tupi em aldeia sobre morro de argila na margem esquerda do rio Guandu, no Município de Seropédica.



Localização dos dois sambaquis pesquisados no Programa



Localização do Sambaqui de São Bento

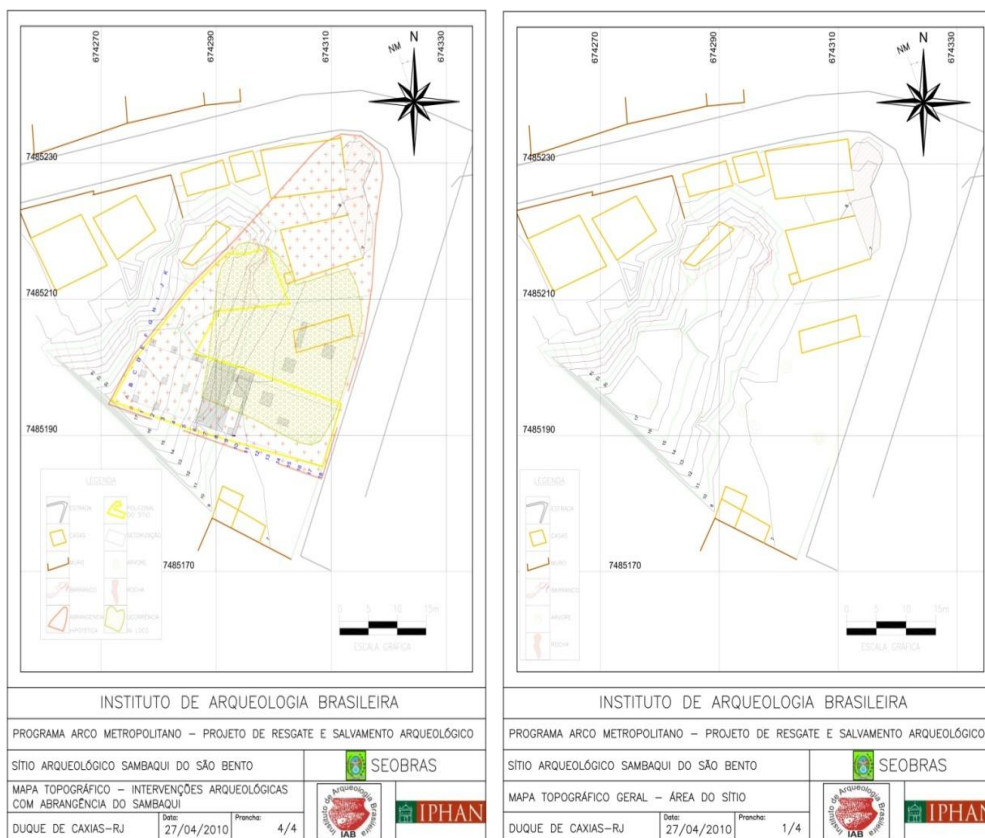
Sambaqui de São Bento

Este Sambaqui é caracterizado por haver em sua construção o predomínio de material conchífero, seja depositado de forma aleatória, como sempre se acreditou, (sítio habitação) seja ele “construído” propositalmente de forma artificial. No primeiro caso teria sido erguido pela sucessão de camadas ocupacionais ao longo do tempo de sua ocupação e no segundo caso se trataria de uma obra com fins cerimoniais, segundo versão de teóricos mais recentes, como Maria Dulce Gaspar. De qualquer forma, o sambaqui de São Bento com datação em torno de 3.000 mil anos se constitui em um dos mais antigos testemunhos da ocupação humana na Baixada Fluminense. No estado do Rio de Janeiro os mais antigos podem chegar a seis milênios antes do presente.





Aspectos das escavações no Sambaqui de São Bento, pelo método de escalonamento, exemplares de artefatos líticos e plantas de situação do mesmo.



Sítios Pré-históricos da Tradição Tupiguarani

Sítio Aldeia de Itaguaçu I – este sítio sinaliza uma ocupação Tupi às margens do Rio Guandu em seu trecho encachoeirado. Localizava-se sobre uma elevação de argila que foi utilizada como fonte de matéria prima (mina de argila) para as obras da estrada em construção, como pode ser visto na foto abaixo. Também nos mapas e nas plantas de localização se pode ver que este é vizinho do sítio homônimo, o “Aldeia de Itaguaçu II” que ocupa o morro seguinte em sentido rio abaixo. Na margem oposta é possível observar a localização de outros sítios como o “Nazaré Beira Rio” (outro sítio tupi) e mais distante, em verde, o “Sítio Nazaré” (considerado misto por ter sido reocupado no período colonial). Em azul e ainda mais longe foi localizado o sítio “Pedras do Guandu”, histórico.



Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB
 Programa de Monitoramento, Salvamento Arqueológico e Valorização do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural nas Obras da Estrada BR 493/RJ - Trecho C - 109 - do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro

Sítio: Aldeia de Itaguaçu II

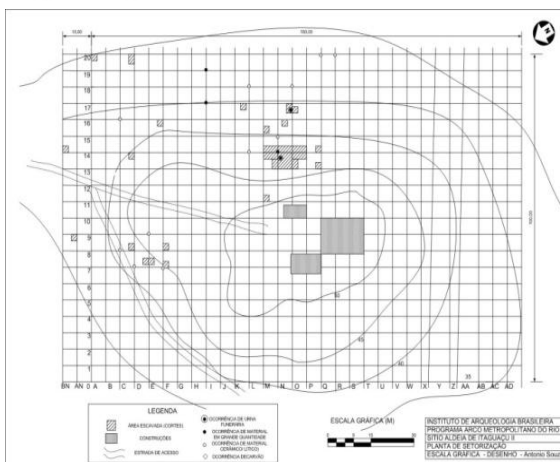
Fonte: Google Earth



Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB
 Programa de Monitoramento, Salvamento Arqueológico e Valorização do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural nas Obras da Estrada BR 493/RJ - Trecho C - 109 - do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro

Sítios: Aldeia de Itaguaçu II Aldeia de Itaguaçu I
 Nazaré Beira Rio Nazaré
 Pedras do Guandu

Fonte: Google Earth



Planta do Sítio Aldeia de Itaguaçu I e vista da cobertura vegetal (pasto) do mesmo.



Nestas imagens da Pesquisa pode-se ver a estratigrafia do sítio com o jazimento de urna funerária, assim como a sua composição de superfície e a localização de outra urna funerária nas proximidades. O acervo é constituído por material cerâmico da Tradição Tupiguarani e os desta região caracterizam uma nova fase desta Tradição formada pelo conjunto ao longo do rio, (tipologia diferenciada na decoração e presença de pintura externa) em sua referência será doravante denominada Fase Guandu.



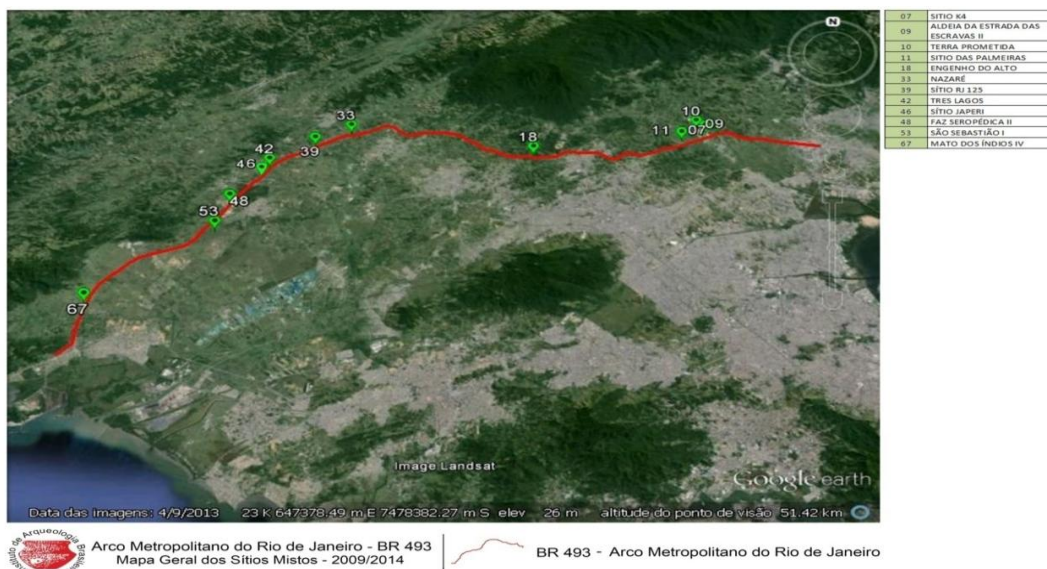
Aqui a mesma urna pode ser vista com decoração entre o raspado e o corrugado espatulado, já restaurada no laboratório e, ainda no campo, quando resgatada.



Artefatos líticos lascados do mesmo sítio, elaborados em quartzo, com fractura tipicamente tupi.

Sítios Mistos

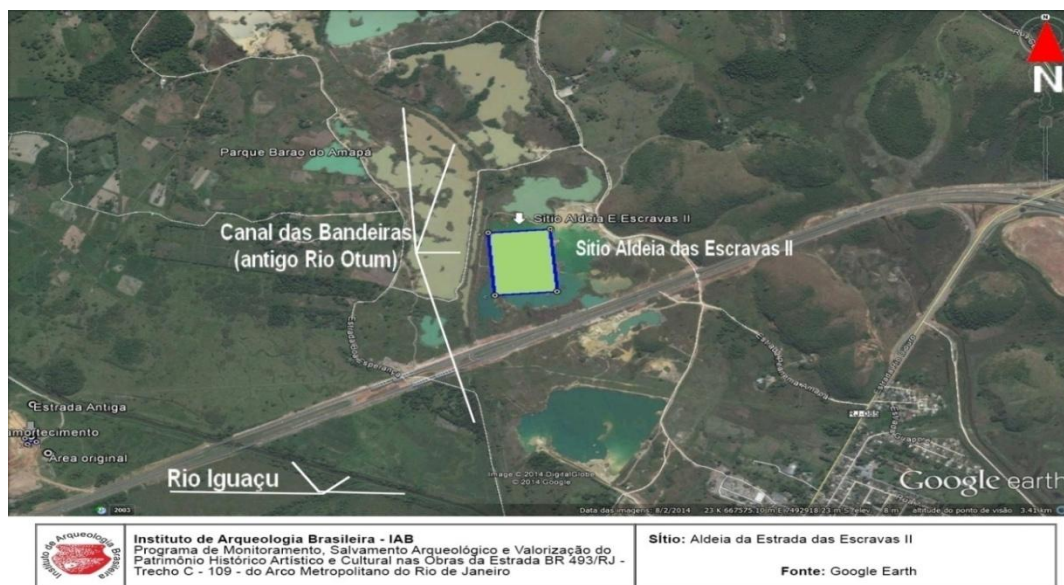
Durante as pesquisas foram localizados 12 sítios em que ocorreram materiais históricos e pré-históricos, indicando assim locais com reocupações ao longo do tempo. Para este texto foram selecionados dois exemplos que bem caracterizam este tipo de ocupação e podem ser vistos no mapa abaixo.



Localização dos sítios mistos ao longo do traçado da rodovia.

O primeiro exemplo é o sítio Aldeia das Escravas II em Duque de Caxias e o segundo, o Sítio Japeri localizado bem próximo à margem direita da BR- 116 (Via Dutra) no município de Japeri.

Sítio da Aldeia das Escravas II



Esta planta mostra a localização do sítio Aldeia das Escravas II em um areal há muito tempo explorado. Este se encontra nas proximidades do canal das Bandeiras (retificação do rio Otum) afluente da margem esquerda do Rio Iguaçu. As estruturas ali encontradas, assim como os artefatos recolhidos, indicam tratar-se de um porto fluvial de importância econômica no período colonial e que se assentara nas proximidades de uma aldeia indígena tupi.

O sítio foi muito impactado pela retirada comercial de areia em anos anteriores restando somente cerca de 1/3 do mesmo com condições de ser pesquisado.



**Área escavada mais próxima ao canal, até hoje sujeita à inundação.
Também uma vista geral da região em direção à Pedra do Couto, ao fundo.**

Durante os trabalhos foram recuperados centenas de cacos de cerâmica indígena, neobrasileira e colonial. Muitos cachimbos, líticos, artefatos de metal e louça européia, além de moedas e vidro. Foi revelada, pela escavação, uma grande estrutura portuária formada com barrotes de madeira que certamente sustentavam uma cobertura com telhado.



Vista da longa trincheira escavada ainda com a localização dos barrotes

que sugerem a existência do galpão de um porto fluvial.

Entre as inúmeras descobertas destacaram-se a localização de um forno de fazer lajotas (foto abaixo) e uma série de barrotes de madeira que um dia sustentaram uma cobertura de telha, das quais se descobriram milhares de fragmentos. A trincheira fotografada acima foi aberta ao longo dos barrotes de sustentação, cuja base alcançava o nível freático.

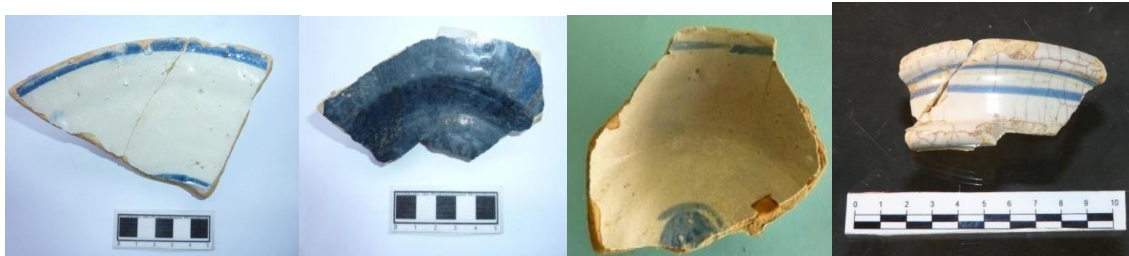


Documento fotográfico da localização e escavação de um forno de cerâmica ainda com sua ultima (e não retirada) carga de lajotas de piso. Na foto da direita, a base inundada pelo lençol freático, alcançada pelos barrotes de madeira de sustentação de um telheiro coberto.

Material coletado



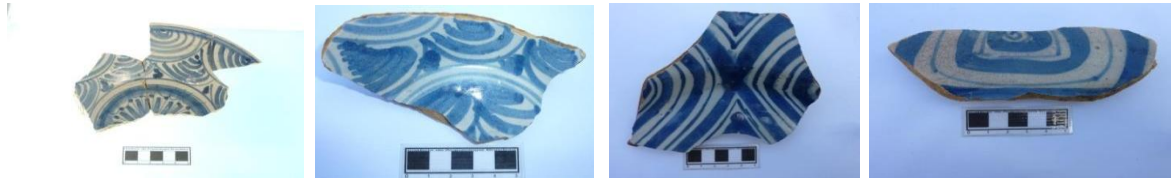
Exemplares de louça européia do período 1565-1625



Exemplares de louça européia do período 1490-1610



Exemplares de louça européia do período 1600-1650



Exemplares de louça européia do período 1625 – 1675

Além de milhares de fragmentos de louça produzidas na Europa (sobretudo em Portugal) entre os finais do século XV e XVII, variedades diversas de objetos foram igualmente exumadas naquele sítio.



Artefatos de pedra – Batedor de arenito ferruginoso e Lasca de quartzo leitoso



Exemplares de Pesos de rede de cerâmica; relógio de sol, portátil e fragmento de telha assinado



Fragmento de peça de canoa para encaixe de remo



Dois dos barrotes de sustentação de telhado coletados no sítio

Além dos artefatos, representados nas fotos, foram também recolhidas dezenas de cacos de cerâmica Tupi; milhares de fragmentos de telha, louça branca colonial antiga, pisos, lajotas e tijolos de diferentes períodos, além de artefatos de vidro e de metal, demonstrativos de intensa atividade comercial. Em função da faixa cronológica mais representada nos artefatos, aparentemente este porto fluvial funcionou, em especial, do século XVII (talvez desde seu início) até o século seguinte.

Sítio Japeri



Localização do Sítio Japeri

O Sítio Japeri apresentou farto material de superfície, em especial restos de cerâmica de torno colonial, louças, cachimbos e cerâmica neobrasileira. Sem dúvida uma ocupação colonial que se estabeleceu sobre uma antiga aldeia Tupi, cujo material se encontrava em níveis mais profundos, destacando-se um sepultamento em urna, a primeira a ser encontrada na pesquisa pelo IAB.



Aqui uma vista geral do sítio Japeri, cuja descoberta se deu já com as obras em andamento; e os detalhes do sistema de escavação adotado para áreas amplas em quadrículas que mostra a estratigrafia do sítio conformada por solo arenoso com camadas de coloração diferenciada e os setores geminados escavados em etapas diferenciadas. Abaixo, imagens da primeira urna recuperada durante o Programa, tipicamente tupiguarani com leve carena e decoração corrugada espatulada.



Urna funerária da Fase Guandu - Sítio Japeri



Pequena Urna Ubigulada - acompanhamento funerário
Fase Guandu - Sítio Japeri

Entre o material arqueológico do sítio Japeri se destacou este conjunto funerário composto por uma urna carenada com borda introvertida e acompanhada por outras peças cerâmicas fragmentadas, entre elas uma peça unglada e de forma exótica, com apliques de borda. A urna grande apresenta traços de pintura na face externa, traço raro na Tradição Tupi. Este sítio foi datado ao redor dos séculos XV e XVI.

Sítios Históricos



Sítios históricos pesquisados no Programa

Foram em número de 49 os sítios históricos pesquisados pelo Programa do Arco Metropolitano. Estes registram ocupações que se estenderam dos primeiros anos da colonização até períodos recentes. Seleccionamos dois deles que se destacaram pelo acervo encontrado e pelas estruturas que permitiram estudo. São eles os sítios “de Seropédica” no bairro do “Pau Cheiroso” e o “Lagoa da Noruega”, ambos localizados no município de Seropédica.



Sítio Seropédica



Sítios próximos

O Sítio Seropédica é um dos mais importantes deste conjunto, seja por possuir uma estrutura habitacional complexa, com variado acervo cultural datado do século XVIII e XIX, seja por se relacionar a outros três sítios próximos. Um deles tupi com diversas urnas que foram recolhidas, vinculadas à fase cultural Guandu e mais outros dois, também históricos, os quais muito provavelmente se relacionaram a um complexo de produção de ainda difícil identificação.



As escavações procedidas no sítio podem ser visualizadas pelo Google e à direita, o mapa com a planta baixa dos trabalhos realizados.



Trabalhos efetuados, bem como a localização do sítio no alto do morro do "Pau Cheiroso".

Material coletado



Coleção de cachimbos de barro simples e com decoração



São raros os artefatos em concha em sítios históricos, contudo no sítio Seropédica foram coletados botões de madrepérola e outros elaborados em osso. Uma conta ou ficha (de jogo?) de louça policroma foi também recolhida.



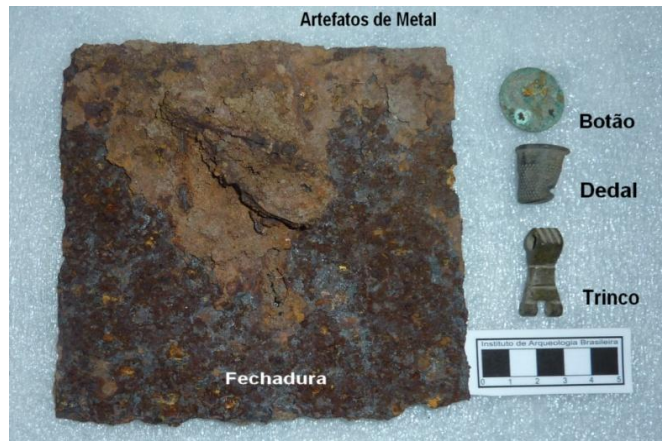
Embora não se trate de um sítio misto, os artefatos líticos podem ser explicados pela proximidade do Sítio Seropédica com o Sítio Aldeia das Igaçabas, situado aos pés do morro onde se localizam suas estruturas.



Localizados muitos artefatos em vidros. As garrafas foram abundantes, com destaque para uma tampa de garrafa (licor?).



Os artefatos de metal também foram comuns no Sítio Seropédica e entre eles as lâminas de enxadas.



Entre os artefatos de metal merecem destaque peças diversas, como um dedal, um botão, uma fechadura e um fragmento de trinco.



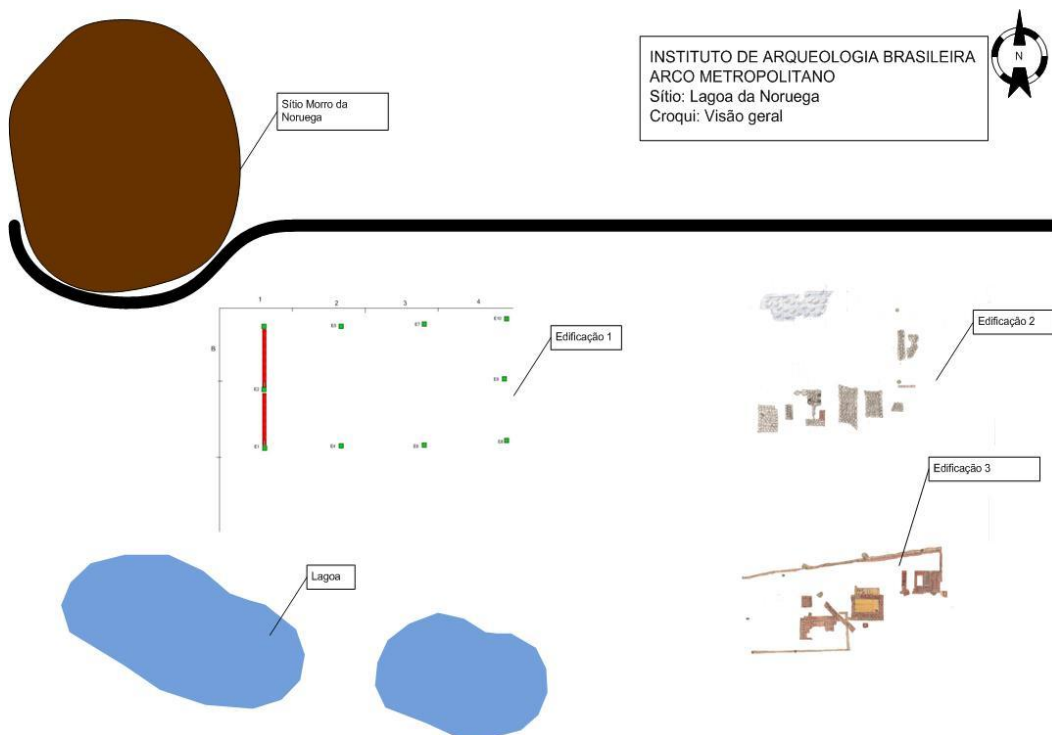
Recolhidas moedas diversas. Do Império (40 e 80 réis) e da fase Republicana (20 réis).

Sítio Lagoa da Noruega



Sítio Lagoa da Noruega

O Sítio Lagoa da Noruega em Seropédica foi encontrado graças à indicação de um operador de máquina que participara das oficinas de Educação Patrimonial e que retirava “taboas” de um alagado quando encontrou uma grande pedra soterrada no lamaçal, indicando a ocorrência aos pesquisadores. O achado inicial revelou a localização de uma complexa instalação, com fornos, canalizações e caixas de água, além de farto material arqueológico. Destacaram-se as peças de ferro que indicaram a existência de uma antiga ferraria do século XVIII.



O sítio era composto por três estruturas, a primeira com 29 barrotes de madeira em alinhamentos que sugeriam a presença de uma possível estrebaria, a segunda pesadas ruínas de pedra soterradas de uma construção em alvenaria e a terceira, mais complexa, ou principal, situada em nível mais baixo dos que as outras duas. Ao terem seus restos exumados indicaram a existência de uma possível ferraria, com forno, bigorna e seus metais.



A área onde o sítio foi localizado já se encontrava parcialmente impactada pelas obras de drenagem no terreno que, como pode ser visto nas imagens, era muito friável e inundável, daí ter sua superfície coberta pela “taboa” (**Tipha dominguensis**), na oportunidade.



Restos das estruturas com um barroto de madeira de sustentação à esquerda e uma bigorna "in situ" à direita.

Material coletado

A peça de metal mais icônica que foi resgatada no Sítio Lagoa da Noruega foi uma bigorna encontrada "in situ" sob quase dois metros de entulho e no nível freático local ao lado das instalações hidráulicas, do forno e do material de metal. Foi considerada como forte indicadora da função do local, como uma ferraria associada à Fazenda Noruega (Séculos XIX e XX).



Cacos de cerâmica colonial e artefato de madeira

O Projeto de Educação Patrimonial do Programa de Arqueologia do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro

Tornado obrigatório pela (à época) Portaria 230/2002 do IPHAN os projetos de arqueologia passaram a ter que divulgar suas atividades de impacto sobre as comunidades atingidas pelos mesmos antes destes acontecerem e depois compartilhar seus resultados com as diversas entidades a eles associadas. Estes procedimentos a "priori" e a "posteriori" aqui no Brasil foram denominados de Educação Patrimonial e tiveram por base a premissa e a metodologia do **Heritage Education** (Inglaterra).

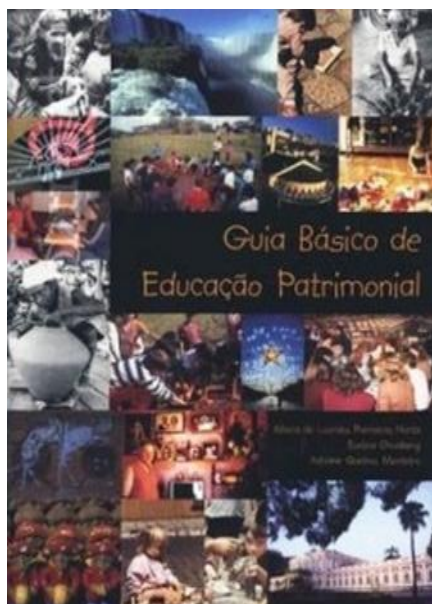
"Conhecer para Preservar"

- Observação
- Questionamento
- Exploração
- Apropriação

Na Inglaterra o **Heritage Education** teve início no Movimento Modernista europeu entre os séculos XIX e XX e no Brasil sua repercussão em 1922 vem na

fala de Mário de Andrade quando diz: "Não basta ensinar o analfabeto a ler. É preciso dar-lhe contemporaneamente o elemento em que possa exercer a faculdade que adquiriu. Defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização".

- Na década de 1990 ocorreram as primeiras apropriações e aplicações do **Heritage Education**. A primeira no Museu Imperial de Petrópolis quando a museóloga Maria de Lurdes Horta adota as premissas e o método em trabalho pioneiro no museu; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9394/96 quando prevê a necessidade de sua aplicação regional em Temas transversais que tratem do Patrimônio Histórico e, finalmente, pelo IPHAN em 2002.



Psicodrama Pedagógico: Método adotado pelo IAB na aplicação de ações socioeducativas voltadas para o patrimônio arqueológico.

A inspiração, a teoria e a metodologia vieram do trabalho de Jacob Levy Moreno o criador do Método Psicodramático na primeira metade do século XX. Propunha ele que para uma aprendizagem eficaz, fosse o "sujeito posto em contato direto com o objeto". Suas ferramentas técnico-metodológicas são simples e de fácil assimilação



Jacob Levy Moreno



Estudante em contato com o objeto

Contextos: reconhece o Homem como um ser biopsicossocial e espiritual que se "move" no mundo em três contextos: Social (sociedade ampla), Grupal (família etc...) e Psicodramático (no "como se fosse"). E, segundo ele, é neste último que se dá o processo de aprendizagem e reaprendizagem do sujeito através da ação dramática.



Instrumentos: este universo precisa apenas de um Cenário, "locus" para a ação de um Protagonista, que será assistido por um Diretor de cenas e seus Egos auxiliares. A Plateia aprende junto com ele e nunca é apenas expectadora do processo.

Etapas: Para que tudo dê certo o método segue quatro regras básicas e sequenciais.



1. **Aquecimento inespecífico** - qualquer ação lúdica que ponha em movimento a energia vital do sujeito e desperte sua **Espontaneidade**.



2. **Aquecimento específico** - qualquer ação focada no tema a ser tratado que desperte a total **atenção** do sujeito.

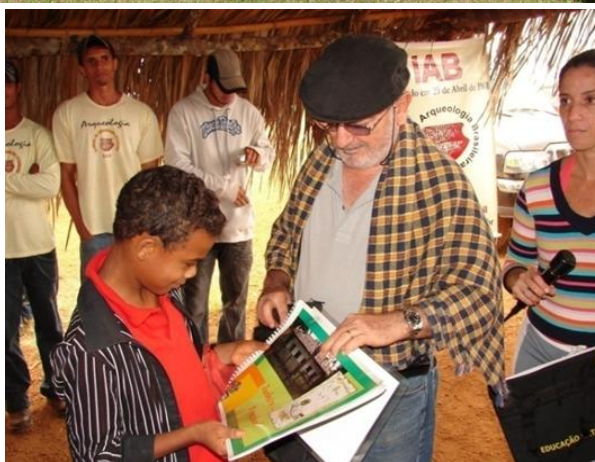


3. **Dramatização** - o sujeito é colocado em contato direto com o objeto de aprendizagem no contexto do "como se fosse" (verdade, possível, etc...) e através dos cinco sentidos se apropria do objeto "como coisa sua", sem leituras ou interpretações prévias.



4. **Compartilhamento** – o sujeito torna-se autor do “texto”; o “novo dono” do objeto patrimonial, agora ressignificado na ação dramática.

Desde 2003 viemos adaptando o Psicodrama Pedagógico à Educação Patrimonial no IAB



O Projeto Educação Patrimonial do Arco Metropolitano se iniciou em 2010 quando desenvolvemos e aplicamos as primeiras ações socioeducativas. Inicialmente com todas as pessoas do IAB que estavam envolvidas na pesquisa arqueológica do Arco; depois com autoridades representantes do Empreendedor

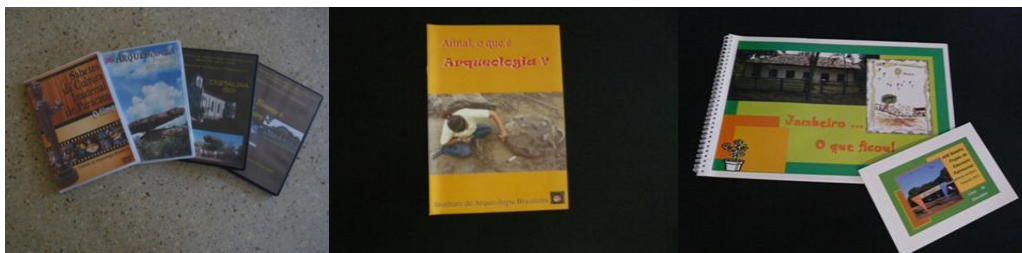
(Secretaria de Obras do Estado) e autoridades representantes das Secretarias de Educação e Cultura dos cinco municípios afetados pelo empreendimento (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Japeri, Seropédica e Itaguaí); com os engenheiros e funcionários de máquinas pesadas das cinco empreiteiras executoras da obra (Odebrechet, Carioca Engenharia, OAS, Delta e Oriente Engenharia); e, por último, com nove mil estudantes da rede pública e privada dos cinco municípios.

Atualmente estamos tratando da publicação de todo o material paradidático desenvolvido a "posteriori" com os dados da pesquisa e que será disponibilizado gratuitamente aos participantes a exemplo de projetos anteriormente executados.

São eles:

- **Livro**
- **Cartilhas**
- **Jogos**
- **Jornais**
- **Banners**
- **Cd-Room**
- **DVDs**





Exemplos de Material de Devolução Social

Este Programa Arqueológico empregou:

Arqueologia:

- 01 Arqueólogo Sênior - Coordenador geral do Programa
- 01 Arqueólogo Especialista – Gerente geral do Programa
- 02 Arqueólogos Especialistas – Coordenadores operacionais
- 19 Arqueólogos entre Plenos e Juniores (especialistas, mestres e doutores) – pesquisadores de campo.
- 08 Técnicos em arqueologia – pesquisadores de campo
- 04 Auxiliares técnicos em arqueologia – pesquisadores de campo
- 36 Auxiliares de campo – pesquisadores de campo

Laboratório:

- 01 Arqueólogo Especialista - coordenador chefe do laboratório
- 04 Técnicos em arqueologia - técnicos de laboratório
- 04 Pesquisadores curumim – auxiliares de laboratório

Educação Patrimonial:

- 01 Diretor de Educação Patrimonial
- 24 Egos auxiliares (técnicos e auxiliares)

Estudos do Patrimônio Imaterial (EPI):

- 04 Pesquisadores de campo

Departamento de Comunicação:

- 10 Funcionários (jornalista, programador visual, designers etc..)

Administrativos:

- 04 Funcionários (escritórios)
- 06 Funcionários (manutenção)

Bibliografia de Arqueologia

DIAS JR, Ondemar. **O Índio no Recôncavo da Guanabara**. Rio de Janeiro, 1998
Revista do Instituto Histórico Geográfico – a. 159 – n. 399 abr./jun. 1998.

Bibliografia de Educação Patrimonial

COSTA, Wedja. **Socionomia como Expressão de Vida**. Fortaleza, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando, Uma introdução à Antropologia Social**. RJ, ROCCO, 1993.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina & MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. IPHAN & Museu Imperial – Brasília/Petrópolis, 1999.

GRUMBERG, Evelina & MONTEIRO, Adriane Queiroz, **Guia Básico de Educação Patrimonial**. IPHAN & Museu Imperial – Brasília/Petrópolis, 1999.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. Cultrix, SP. 1993

NETO, Jandira – **Educação Patrimonial e Psicodrama Pedagógico**. **Revista Educação Em linha** Ano IV Nº 14- Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, 2010. educacao.gov.br/educacaoemlinha (on line)

PORTUGUEZ, Anderson Pereira (org.). **Turismo, Memória e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

ROCHA, Fernando A.N.Galvão - **Atuação do Ministério Público na Proteção do Patrimônio - Cultural Imaterial** - Revista brasileira de direito ambiental. - Imprensa: São Paulo, Fiuza, 2005.